

O PAC e D. Pedro II

D. Pedro II amava a fotografia. Dizem que a paixão deveu-se a um trauma de juventude: seu casamento. Aos dezoito anos arranjaram para o jovem imperador uma princesa europeia, Teresa Cristina, com bela estampa, conforme o medalhão que acompanhava os papéis para o enlace por procuração.

Quando, depois de exaustiva viagem, a jovem chegou ao Rio, sobreveio o choque: a pobre princesa era bem diferente da gravura. Para pior. E pôe pior nisso. Além de tudo, era coxa, o que a impedia de dançar nos bailes da corte. Nosso Imperador chorou durante dias nos ombros do poderoso mordomo Paulo Barbosa. Mas o contrato havia sido assinado. Nada mais a fazer. Exceto, depois de algum tempo, arranjar uma amante, o que de fato ocorreu – mas sem a desfaçatez do pai.

O lançamento do Programa de Aceleração do Crescimento, mais conhecido por PAC, corre o risco de sofrer metamorfose semelhante. Apresentado como alavanca para acelerar o crescimento, passa por cima de uma questão bem simples: como aumentar o investimento, dos atuais 20% para 27% do PIB, o que é indispensável para um crescimento de 5% do PIB. De onde virão estes 7% adicionais?

Sem responder à questão, o governo pro-

mete investir 500 bilhões de reais até 2010; expressivos 125 bi por ano. O motor de arranque serão as estatais (Petrobrás e elétricas), acionando o grande motor do investimento privado, se a taxa de juros deixar. Mas, e a dupla contagem? Sabemos que as mais sorrateiras são as que envolvem grana. Contudo, mesmo sem considerá-las, pergunta-se: e os projetos já aprovados, inclusive em andamento, com padrinhos e tudo? Faziam parte dos 20%? Ou o PAC requer uma nova contabilidade? Com ou sem duplicidade, devem entrar na cesta de bondades do Executivo. Eis aí um problema adicional.

Governadores e parlamentares já perceberam o perigo: prometeram apoiar, mas “aperfeiçoando” o projeto. Em “parlamentês”, isso significa mais de 700 emendas às MPs: quem vai carimbar a estrada, a usina, ou a iluminação, e, detalhe importante, onde?

Esta disputa trará certamente várias mudanças ao projeto original, especialmente se lembrarmos que as fontes dos recursos ainda não estão claramente garantidas. Pelo andar da carroça, ao invés de trauma poderemos sofrer mais uma desilusão em relação ao espetáculo do crescimento. E, embora as mordomias perdurem multiplicadas, o governo não conta mais (felizmente) com o ombro amigo de um poderoso mordomo.



Paulo H. Sandroni
FGV-EAESP